

12653 - Aula de Campo: Uma Estratégia Interdisciplinar Significativa para o Ensino-aprendizagem

Field Class: a meaningful interdisciplinary strategy for teaching and learning

SILVA, Paulo Sidney Gomes¹; TORRES FILHA, Francisca Gomes²; SOUSA, Êlika Suzianny³

¹Eng.Agrônomo, M.Sc. Gestão e Desenvolvimento de Cooperativas, Prof. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), - paulo.gomes@ifrn.edu.br; ²Socióloga, M.Sc. em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Prof.^a IFRN - francisca.torres@ifrn.edu.br; ³Veterinária, M. Sc. em Ciência Animal, Prof.^a IFRN, elika.sousa@ifrn.edu.br

Resumo: O presente trabalho relata as experiências vivenciadas por docentes do IFRN, campus Ipanguaçu, através das práticas de realização de aulas de campo com alunos do curso de agroecologia. Objetivou-se transformar a escola num espaço significativo e interessante para o educando, de maneira a complementar o assunto abordado em sala de aula e promover um melhor ensino-aprendizado. Utilizou-se a metodologia de visitas a experiências práticas de modelos de produção agroecológicas em Projetos de Assentamentos Rurais no município de Apodi/RN. Percebeu-se que as aulas de campo permitem construir um processo pedagógico que promove um saber crítico, reflexivo, criativo e organizado, potencializando os alunos a responderem ativamente a questões que antes só podiam e eram percebidas em sala de aula.

Palavras-chave: Agroecologia, Aula de Campo, Interdisciplinaridade.

Contexto

Para que a educação cumpra seu papel eminentemente transformador é preciso constantemente pensar e organizar formas de intensificação da relação dialógica do campo conceitual e prático, de modo a possibilitar aos alunos uma maior reflexão, estimulada pelo confronto entre o conteúdo ministrado em sala com o cotidiano da realidade prática. Para alcançar esse intento, a escola vem desenvolvendo técnicas e metodologias que busquem cada vez mais a aproximação com a realidade cotidiana do aluno.

O objetivo é transformar a escola num espaço significativo e interessante para o educando, local onde possa aprender a aprender, que valorize e incentive a aprendizagem em toda sua essência, mostrando que o ambiente escolar pode ser interessante e estimulante.

Destinadas a promover o dialogo entre o saber produzido nas salas de aulas e a compreensão de mundo, as aulas de campo promovem uma interação entre os saberes e fazeres essencial para que ocorra a aprendizagem significativa. Ainda, integram conhecimentos vastos e exigem a junção/interação de múltiplos saberes, juntando os saberes nascidos das experiências pessoais e coletivas, do senso comum, da tradição ou da cultura e os coloca em relação com os conhecimentos científicos para a realização de ações concretas.

Descrição da Experiência

O trabalho foi realizado no mês de maio, com os alunos do quarto ano do curso de Agroecologia do IFRN, campus Ipanguaçu. Efetivou-se no âmbito das disciplinas sociologia, administração rural, gestão organizacional e horticultura – visita às experiências de práticas de produção agroecológicas desenvolvidas por agricultores familiares das áreas de Assentamentos Rurais situados no município de Apodi/RN. De imediato, pelo menos dois questionamentos poderiam emergir: o que diferencia tais experiências produtivas de tantas outras desenvolvidas, por exemplo, no Vale do Açu e em outras regiões do Estado? É possível conciliar numa viagem de campo os interesses inerentes a tantas disciplinas?

Inicialmente, comentemos sobre o primeiro questionamento. Os assentamentos situados no município de Apodi foram criados na segunda metade dos anos noventa. Tratava-se de fazendas que durante décadas desenvolveram sistemas de produção que se revelaram insustentáveis do ponto de vista socioeconômico e, sobretudo, ambiental. Toda a mão de obra ocupada era “remunerada” no regime de “terça” e de “meia”, ou seja, tudo o que os trabalhadores produziam eram obrigados a destinar uma terça parte e até metade da produção para o fazendeiro, detentor o meio de produção imprescindível para a exploração agropecuária: a terra.

Na década de noventa, cansados do regime de exploração e sem perspectivas de alteração de sua condição socioeconômica, os agricultores, com o apoio de movimentos sociais e organizações de assessoria (ONGs) mobilizaram-se e realizaram ações - ocupações de áreas improdutivas - que resultaram na desapropriação das fazendas que originaram os projetos de assentamento existentes no município.

De acordo com Martins (2003), a demanda de terra para trabalhar comporta uma busca de uma alternativa de sobrevivência num mundo que já não constitui, para aqueles que foram “empurrados para a margem da economia”, um mundo de oportunidades. Na resistência contra o processo de exclusão, os trabalhadores criam através da ocupação de terra, uma forma política para se ressocializarem, uma forma de luta contra o assalariamento e o meio de garantir a reprodução do trabalho familiar.

Foi nesse contexto que surgiram os assentamentos Moacir Lucena e Sítio do Góis, objeto de estudo das visitas realizadas. Os sistemas de produção desenvolvidos no início da história produtiva dessas áreas em pouco se diferenciavam da fase anterior à criação do assentamento. As técnicas adotadas pelos agricultores contribuíam para a intensificação dos problemas ambientais, tais como: o uso indiscriminado de agrotóxicos, manejo inadequado dos solos, desflorestamento, queimadas, entre outras.

A partir da inquietação de alguns agricultores e técnicos que prestam assessoria a essas áreas, iniciou-se a introdução de técnicas de manejo sustentável da caatinga, com o propósito de evitar a degradação ambiental da caatinga e possibilitar a recuperação da produtividade agropecuária em níveis econômicos e ecológicos desses assentamentos.

De acordo com Araújo Filho; Carvalho (1997), a manipulação da vegetação através do raleamento, do rebaixamento, do raleamento-rebaixamento e do aquecimento, pode aumentar a disponibilidade de forragem em até 800% e a produção animal em até 1500%. A sustentabilidade da produção agrícola em condições tropicais será obtida com sua

fixação, substituindo-se as práticas de desmatamento e queimadas pelas tecnologias de cultivo integradas com o manejo da pecuária.

Assim, os alunos testemunharam uma variedade de experiências, sucintamente descritas: manejo sustentável da caatinga que, conforme já relatado, torna possível aumentar, melhorar e diversificar a pastagem incrementando a atividade pecuária, ao mesmo tempo em que melhora a fertilidade dos solos, através da incorporação dos restos de culturas e de vegetais manejados evitando a degradação ambiental; a introdução de consórcios agroecológicos que além de reforçar a estratégia da constante melhoria das condições físico-químicas dos solos, contribui para diversificar as culturas e ampliar o leque de alternativas econômicas para o agricultor; a melhoria da floração das espécies vegetais impulsionando a atividade apícola.

Mas, a estratégia desses assentamentos não se concentra somente na mudança da matriz tecnológica de produção (transição agroecológica), elas também buscam alterar outros elos da cadeia que tanto penalizam o agricultor e que são responsáveis pela baixa apropriação dos resultados econômicos obtidos por este. Referimo-nos à verticalização da produção, comercialização e ao financiamento da produção.

É sabido que a comercialização se constitui num dos maiores entraves no processo de transferência dos bens produzidos pelo produtor ao mercado consumidor, e que grande parte do valor agregado aos bens são apropriada nesta fase, quase sempre não realizada pelo produtor, mas por intermediários.

Foi na perspectiva de romper com essa dependência que um conjunto dos agricultores familiares de Apodi criou a Cooperativa da Agricultura Familiar do Sertão do Apodi – COOAFAP, com a função de organizar, receber e comercializar a produção de seus associados. Atua nas cadeias produtivas do mel, arroz vermelho, carne de caprino e polpa de frutas. Conta atualmente com 338 sócios. A COOAFAP já chegou a exportar para o comércio justo europeu e atualmente, em termos de mercado local, atende prioritariamente o mercado institucional (Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, etc.).

Todavia, restava atacar um dos problemas que ainda distancia o agricultor familiar dos milhões disponibilizados pelo governo Federal a cada ano por intermédio do Plano Safra para a agricultura familiar: o acesso ao crédito bancário para financiamento da produção. Nessa perspectiva, os agricultores constituíram, em 2006, a Cooperativa de Crédito Solidário da Agricultura Familiar do Oeste Potiguar – CREDIOESTE. Esta iniciativa marcou o surgimento da primeira cooperativa de crédito rural do RN. Desse modo, os agricultores esperam ir aos poucos superando as dificuldades que ainda os separam do crédito para financiamento da produção, bem como dispor de outros serviços bancários, poucos acessíveis ao segmento.

Resultados

Os variados aspectos observados na aula contemplaram as disciplinas envolvidas, assim ressaltando-se a convergência de interesses interdisciplinar (respondendo o segundo questionamento), senão vejamos: o processo de organização, a luta pela terra e a conquista do assentamento como forma de recriação do campesinato e de

ressocialização dos agricultores antes excluídos e expropriados; o processo de auto-organização das mulheres e seu protagonismo na gestão das associações e do próprio assentamento são exemplos dos elementos abordados pela disciplina de sociologia.

As disciplinas de Gestão Organizacional e Administração Rural deram ênfase à aplicação das funções administrativas no funcionamento e gestão das associações e cooperativas, a adoção das ferramentas de gestão (planejamento da produção, gestão de custos, marketing e comercialização), a manifestação de temas inerentes às teorias administrativas, tais como: liderança, motivação, tomada de decisão, comunicação, dentre outros. Por sua vez, a disciplina de horticultura, além dos sistemas de manejo sustentável da caatinga e dos consórcios agroecológicos, destinou atenção especial ao cultivo das plantas medicinais e seu uso por parte das comunidades assentadas.

Contudo, ninguém melhor do que os próprios alunos para manifestarem seu nível de contentamento e de satisfação com o conhecimento adquirido e com a repercussão desse momento na complementação de sua formação curricular:

“...Ao final dessa visita, saímos com uma nova visão do que é agroecologia, que até então só conhecíamos na teoria [...] apesar de muita gente continuar achando que ‘isso’ não tem futuro, essas experiências positivas servem para estimular cada vez mais quem acredita nesse sonho que cada dia se aproxima da realidade...”

“...Observamos várias mudanças sociais importantes, uma delas foi a inserção do gênero feminino com mão-de-obra tão capacitada quanto à masculina [...] Abrimos nossa mente não somente para novas ideias e conteúdos, conceitos e práticas, mas também como cidadãos com visão crítica...”

“...Tivemos um maior esclarecimento sobre como funciona uma cooperativa, tendo como base o cooperativismo desenvolvido na nossa região [...] Percebi que é possível montar cooperativas de pequenos trabalhadores e funcionar bem...”

(depoimentos de alunos, IV ano agroecologia).

Desse modo, compete aos docentes e ao conjunto da Instituição, criar as condições concretas para que os alunos sintam-se parte integrante e responsável pela construção do seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, assegurar aulas de campo não somente do final do curso, mas desde o início é relevante para termos alunos mais motivados e conscientes do seu papel atual, na condição de estudante, e no futuro, na condição de profissionais-cidadãos com competência técnica, ética e profissional e com elevado grau de responsabilidade social, conforme estabelece os objetivos do curso técnico de nível médio em agroecologia.

Bibliografia Citada

ARAÚJO FILHO, J.A.; CARVALHO, F.C. **Desenvolvimento sustentado da caatinga**. Sobral, CE: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1997. 19p.

MARTINS, J. S. O sujeito da reforma agrária (estudo comparativo de cinco assentamentos). **Travessias: estudo de caso sobre a vivência da reforma agrária nos assentamentos**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.